

# promontoria

Revista de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve

Ano 12 - N.º 12  
2015 - 2016

**Editor**

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
Universidade do Algarve  
Campus de Gambelas, Faro  
promontoria@ualg.pt

**Comissão Editorial**

António Paulo Oliveira  
Maria João Valente  
Renata Malcher de Araujo

**Dossier Algarve Rural**

Miguel Reimão Costa  
Susana Calado Martins

**Conselho Científico**

Cláudio Torres (Campo Arqueológico de Mértola)  
Cristiana Bastos (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)  
Joaquim Romero Magalhães (Universidade de Coimbra)  
Jorge Alarcão (Universidade de Coimbra)  
José Eduardo Horta Correia (Universidade do Algarve)  
Jean Pierre Molenat (Centre National de la Recherche Scientifique, França)  
Lawrence G. Straus (University of New Mexico, Estados Unidos da América)  
Maria Jesus Viguera (Universidad Complutense de Madrid, Espanha)  
Michael Kunst (Deutsches Archäologisches Institut, Alemanha)  
Pedro Dias (Universidade de Coimbra)  
Zília Osório de Castro (Universidade Nova de Lisboa)

**IMPRESSÃO**

Gráfica Comercial – Loulé  
[geral@graficacomercial.com](mailto:geral@graficacomercial.com)  
[www.grficacomercial.com](http://www.grficacomercial.com)

**TIRAGEM**

250 exemplares

ISSN 1645-8052

DEPÓSITO LEGAL N.º 199519/03

## Algarve como viagem

Duarte Belo  
Fotógrafo

Éramos quatro e estávamos na Primavera de 1991 quando chegámos a Almodôvar, sede de concelho limite-sul do distrito de Beja. O objetivo era caminharmos na direção da serra do Caldeirão. No primeiro dia o tempo manteve-se carregado. Choveu ocasionalmente. Mais tarde as condições meteorológicas haveriam de melhorar, não deixando o céu, no entanto, de permanecer pontuado por nuvens. O objetivo da caminhada era o atravessamento, e registo fotográfico, daquela montanha pouco elevada do Sul de Portugal.

Foi assim que pela primeira vez pisei o solo algarvio. No passado, mesmo nas férias de verão, o destino da família eram as praias do Norte, da Consolação, perto de Peniche, ou Vila do Conde. Naquela viagem de 1991 não chegaria à orla marítima. A caminhada tinha terminado em Loulé, cidade a partir da qual regressaria a Lisboa, e, depois, ao Porto, onde então estudava. Levava agora comigo um conjunto de imagens, ainda latentes, em película a preto e branco, de uma realidade espacial substancialmente diferente daquelas de outras serranias do Norte de Portugal, que já havia percorrido. A serra do Caldeirão parecia apresentar uma paisagem relativamente monótona, enrugada em cabeços erodidos de solos de xisto pobres, vales, por vezes, relativamente cavados, sempre com pouca água. O coberto vegetal era escasso, fundamentalmente arbustivo e o povoamento humano muito rarefeito. Esta é uma das paisagens menos povoadas de todo o território português.

Do Algarve conhecia então imagens e sol e praia, um mar cristalino, povoados de casas rasas que, já na altura, representavam pequenos centros urbanos de uma arquitetura tradicional do sul, acentuadamente branca, bastante diferente de outras que conhecia dos vales e serranias no norte do país. Mas estes povoados estavam agora envoltos por uma malha urbana, se assim lhe pudermos chamar, caótica, desregrada, desenvolvida sem nexos aparentes como consequência de uma procura muito intensa de espaços de residência e férias. O ambiente costeiro transformou-se muito rapidamente a partir do momento em que eclode a descoberta daquelas praias para o veraneio de sol e mar, a partir da década de 1960. Seria esta procura que viria a alterar definitivamente a imagem que hoje temos do Algarve, limitando essa realidade a uma estreita faixa litoral. Mas o Algarve é muito diferente disso. A minha primeira viagem, a serra do Caldeirão, era a antítese dessa construção recente, dessa realidade dura. Mais tarde, no contexto de trabalhos de levantamento extensivo do espaço português, haveria de percorrer aquelas paisagens com mais detalhe, bem como muitas outras de toda a região, ao mesmo tempo que procurava, em bibliografia diversa, a natureza daquele território.

Imaginemos lugares como Sagres e São Vicente, a serra de Monchique, tão diferente da serra do Caldeirão, ali tão perto, a Fraga da Pena, a fonte da Benémola, a Lagoa da Nave do Barão, lugares únicos do Barrocal, os areais do sotavento, os arenitos recortados e as pequenas enseadas de Albufeira ou da praia da Rocha, ou povoados como Alcoutim, Lagos, Cacela Velha, Castro Marim, Faro, a cidade maior do Sul. São lugares muito diferentes entre si e, no entanto, muito próximos.

Se tentarmos uma síntese deste território que tão bem se distingue do restante espaço nacional, temos a Serra, a norte, o Barrocal, como uma estreita faixa calcária ao centro, e, por fim, as terras mais acentuadamente planas do litoral. São estas três tipologias de paisagem que, aparentemente, definem a região, mas, mesmo dentro deste zonamento há uma imensa diversidade. As serras da Caldeirão e de Monchique são, a todos os níveis, muito diferentes entre si. A altitude de Monchique é mais elevada e, conseqüentemente, também por estar mais próxima do mar, a poente, com níveis de pluviosidade bem maiores do que aquelas que verificamos no Caldeirão. Esta posição geográfica, bem como a geomorfologia e a natureza geológica dos solos de Monchique, vai dar origem a formas de povoamento diferentes dos da montanha de xisto; os seus muito singulares socalcos são um bom exemplo disso. A povoação de Monchique desenvolve-se num lugar com características, nomeadamente agrícolas, que não tem paralelo no Caldeirão. O Barrocal apresenta igualmente áreas muito diversas, mesmo tratando-se de uma faixa relativamente estreita de solos de pedra calcária e argila vermelha. Se compararmos a praia do Castelejo com a da Manta Rota temos paisagens profundamente diferentes e o litoral algarvio é isto mesmo: uma enorme extensão de contrastes que muitas vezes se torna de difícil leitura pelo, já referido, urbanismo desenvolvido sem uma planificação coerente.

E o que é, aqui, o espaço rural? É talvez apenas uma perda continuada de saberes e de memórias que nos transportavam para um passado arcaico de onde os seus habitantes da terra tiravam aquilo que parecia não ser possível. Mas este era um passado de pobreza, muitas vezes de fome, que queremos esquecer. E o abandono de muitos lugares faz esse apagamento, ao mesmo tempo de sabedoria delicada e resistente, profundamente integrada numa Natureza dócil e austera. Procuram-se hoje, para habitar e trabalhar, as cidades, o litoral. Há os mesmos problemas, que persistem, talvez se habite mesmo uma maior solidão. Mas é muito provável que à terra não se regresses. O saber que a ela estava associado perde-se no intervalo de uma geração. Um certo comunitarismo, a vida de relação que permitia as atividades humanas em ambiente duro, já não é possível agora. Era um saber frágil, do imenso detalhe das matérias da vida, construído ao longo de muitas gerações.

Há espaços devolvidos à natureza, há espaços em que o afastamento a essa mesma natureza é cada vez mais profundo. São os territórios humanos que, no

acentuar da complexidade do seu desenho, acabam por obliterar memórias preciosas de sobrevivência. É o correr do tempo, das mutações, da mobilidade de tudo, mesmo daquilo que nos parecia eterno.

Regresso a essa viagem inaugural, à chegada ao Algarve, a pé, depois de uma longa caminhada. As fotografias guardam essas paisagens. O tempo, o espaço, nelas permanece inalterado. É uma memória que se fixou, com a consciência de que muitos aspetos da realidade vivida não ficaram ali registados. As fotografias de território são também a construção imaginária de uma ponte entre diferentes tempos, entre espaços que constantemente se alteram. As fotografias tornam mais informadas e complexas as leituras que fazemos do espaço que habitamos e do tempo que se continua em sucessivas gerações. Mas nada detém o tempo que sobre todos os seres e todas as coisas impõe a mudança, as alterações, como se todo um mundo disperso, aparentemente desconexo, estivesse em permanente viagem. Podemos tentar preservar saberes, fixar formas espaciais, mas lutar contra o tempo que passa não é uma opção. A imobilidade nem tão pouco é uma possibilidade. Não há desenhos perfeitos, há aproximações, muitas vezes em erro, a formas adaptativas à realidade inevitavelmente instável. No fundo as fotografias podem também tentar registar todas as possibilidades de construção de um território humano mais integrado num espaço dado e, dessa forma, serem elas próprias arquitetura.





Figura 1 – Serra do Caldeirão. 2004



Figura 2 – Serra do Caldeirão. 2004



Figura 3 – Lagoa da Nave do Barão. Salir. Loulé. 2004



Figura 4 – São Brás de Alportel (prox.). 2004



Figura 5 – Serra do Caldeirão. 2004



Figura 6 – Serra do Caldeirão. 2004



Figura 7 – Serra do Caldeirão. 2004



Figura 8 – Serra de Monchique. 1996



Figura 9 – Passul. Loulé. 1996



Figura 10 – Faro. 2001



Figura 11 – Faro. 2001



Figura 12 – Faro. 2001



Figura 13 – Faro. 2001



Figura 14 – Cacela a Velha. Vila Real de Santo António. 2001



Figura 15 – Monte Gordo. Vila Real de Santo António. 2001



Figura 16 – Fuseta (prox.). Olhão. 2001



Figura 17 – Fuseta (prox.). Olhão. 2001



Figura 18 – Lomba dos Verdinhos. Vila do Bispo. 1996



Figura 19 – Praia do Castelejo. Vila do Bispo. 1996



Figura 20 – Alvor. Portimão. 1996



Figura 21 – Praia da Cordoama. Vila do Bispo. 1996



Figura 22 – Beliche. Vila do Bispo. 1996



Figura 23 – Pedra das Gaiotas. Vila do Bispo. 1996



Figura 24 – Santuário de Nossa Senhora da Rocha. Lagoa. 1996



Figura 25 – Abicada. Portimão. 1996



Figura 26 – Santuário de Nossa Senhora da Piedade. Loulé. 2001



Figura 27 – São Brás de Alportel. 2001



Figura 28 – Loulé. 1996



Figura 29 – Vila Real de Santo António. 1996



Figura 30 – Estação Arqueológica de Milreu. Estói. Faro. 1996



Figura 31 – Estói. Faro. 1996



Figura 32 – Aljezur. 1996



Figura 33 – São Bartolomeu de Messines. Silves. 1996



Figura 34 – Faro (prox.). 2001



Figura 35 – Quinta do Lago. Almancil. Loulé. 2001



Figura 36 – Ponte sobre o Guadiana. Castro Marim (prox.). 2001



Figura 37 – Serra do Caldeirão. 2004



Figura 39 – Rocha da Pena. Salir. Loulé. 2004



Figura 40 – Cabanas (prox.). Tavira. 2001



Figura 41 – Serra do Caldeirão. 1991



Figura 42 – Barrocal. Salir (prox.). Loulé. 1991



Figura 43 – Barrocal. Salir (prox.). Loulé. 1991



Figura 44 – Barrocal. Salir (prox.). Loulé. 1991



Figura 45 – Mealha. Tavira. 1996



Figura 46 – Mealha (prox.). Tavira. 1996



Figura 47 – Rocha da Pena. Salir. Loulé. 2004



Figura 48 – Serra de Monchique. 1996